

A ENTREVISTA COMO GÊNERO DISCURSIVO CONSTRUTOR DE CRÍTICA AO SALAZARISMO NO ROMANCE *OS MEMORÁVEIS*, DE LÍDIA JORGE

Karina Frez Cursino

Orientador: Silvio Renato Jorge

Mestranda

RESUMO: O projeto tem como objetivo analisar o conjunto de entrevistas ficcionais presente no romance *Os Memoráveis* (2014), de Lídia Jorge, com o intuito de verificar e demonstrar como esse gênero discursivo tem papel fundamental na construção da crítica que a obra se propõe a fazer ao período político marcado pelo autoritarismo em Portugal, liderado por António de Oliveira Salazar. A reflexão sobre o gênero em questão partirá das teorias de Mikhail Bakhtin e outros teóricos da linguagem, buscando mostrar a relação direta do uso da entrevista como um instrumento de coleta de informações e conseqüente reconstituição da História a partir do testemunho dos que dela participaram, levando em consideração o conceito de dialogismo bakhtiniano. Para situar o período histórico-político ao qual o livro direciona sua crítica será utilizada bibliografia específica que verse sobre o Estado Novo e a Revolução dos Cravos a fim de traçar um panorama que permita ilustrar o momento em que os personagens entrevistados no livro viveram e fazem referência durante suas falas, permitindo ainda uma possível abertura reflexiva sobre o período pós-25 de abril. A pesquisa se propõe, futuramente, a tentar buscar outras obras da autora que também utilizem o recurso da entrevista ou instrumento de comunicação similar para restituir fatos históricos de maneira crítica e assim refletir sobre o Salazarismo em Portugal, visando estabelecer um diálogo dessas obras com o romance em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Salazarismo, Revolução dos Cravos, Memória, Entrevista, Lídia Jorge.

Este artigo pretende levantar brevemente algumas questões que estão surgindo como norteadoras para a elaboração do projeto de Mestrado que visa analisar o romance *Os Memoráveis* (2014), de Lídia Jorge, por um viés que busque construir um diálogo entre Literatura, História, Cultura, Memória e Comunicação. A obra escolhida desperta uma reflexão nesse âmbito, pois apresenta como um de seus principais objetivos a reconstituição daquele momento único que marcou a história de Portugal para sempre, aquele 25 de abril que permitiu novamente um olhar esperançoso sobre o futuro português. É essa análise da Revolução, proposta pela autora e construída de forma multifacetada, tecida através de entrevistas, que norteia a presente pesquisa.

Os Memoráveis (2014)

Em *Os Memoráveis* (2014), publicado, coincidentemente ou não, no ano em que a Revolução dos Cravos completou 40 anos, Lídia Jorge recria a emoção de personagens protagonistas daquela noite e madrugada tão significativas para o povo português. Para tal composição, a autora traz como personagem principal e narradora a jornalista portuguesa Ana Maria Machado que, no momento inicial do livro, encontra-se nos Estados Unidos, onde trabalha para a grande emissora americana CBS. Ana recebe, a pedido do embaixador americano em Washington, a tarefa de construir o primeiro episódio da série *A história acordada*, uma espécie de documentário no qual ela deverá reconstituir e levar para a memória futura esse episódio extraordinário da história portuguesa.

Para tanto, a jornalista deve regressar a Portugal com dois antigos colegas de faculdade e entrevistar alguns protagonistas da Revolução. A intenção é tentar captar percepções e memórias daquele momento único que abriu possibilidades futuras para todos os portugueses. O ponto de partida da investigação e a delimitação dos entrevistados é uma fotografia datada de 21 de agosto de 1975, mais de um ano depois dos acontecimentos. A foto revela um jantar no restaurante Memories na qual se encontram ficcionalmente alguns dos principais atores e testemunhas do 25 de abril. A investigação e a conseqüente coleta de informações tentará reconstituir aquele momento de esperança e euforia coletiva, tentando rememorar os sentimentos dos envolvidos.

Através de Ana Maria, uma jornalista afastada de seu país, estabelece-se um olhar neutro sobre os fatos, um olhar do futuro, de uma geração que não viveu diretamente a

Revolução. Há, através da personagem, um resgate, uma reescrita da memória daqueles que viveram e presenciaram a mudança. Mostra-se a necessidade de reafirmar para a nova geração e também para os que viveram a revolução a importância de tal fato. É dessa maneira que a história começa a ser revisitada através das entrevistas elaboradas por Ana e seus amigos. À procura da versão original, o trio vai tecendo questionamentos aos entrevistados, buscando desenterrar os acontecimentos que e os atores e o tempo tendem a esquecer ou minimizar.

Assim como é possível observar em outras obras da autora há a constante busca e compromisso com a verdade, fazendo com que a memória dos acontecimentos seja o mais próximo possível ao que de fato ocorreu, dando à obra em questão um caráter testemunhal tão preocupado em comprometer-se com a veracidade dos fatos.

Nota-se a importância que a autora dá ao testemunho e como ele é capaz de reconstruir um passado coletivo, preservando-se a cultura através da Literatura. O leitor acaba por se deparar com um convite para rever a história através dos depoimentos que ao longo do texto vão sendo recolhidos.

Para realizarem essa reconstrução do que ocorreu no 25 de abril, a equipe pensa em como vão fazer os questionamentos na forma de entrevistas e as ideias de perguntas logo surgem, passando a serem norteadoras da narrativa a partir do início das entrevistas:

Onde estavam?”, “O que sentiram na altura?”, “Que balanço fazem agora, passados trinta anos?”, “Qual a melhor imagem que guardam de tudo o que aconteceu?”, e a quinta pergunta, acrescentada por Miguel Ângelo: “E você mesmo, quanto ganhou com isso? (JORGE, 2014, p. 68-69).

Alguns conceitos de Bakhtin

Para analisar o romance em questão e a série de entrevistas que vão dando corpo à narrativa buscou-se embasamento teórico em alguns conceitos de Mikhail Bakhtin, fundamentais para o entendimento da obra em análise e suas implicações no âmbito não só literário, mas também histórico e político.

Dentre os conceitos bakhtinianos verificou-se como indispensável o estudo a respeito dos gêneros discursivos, uma vez que o livro analisado é um romance que traz em sua organização diálogos diretos com outros gêneros, tais como a entrevista e o documentário. Os conceitos de dialogismo (relações dialógicas) e polifonia (romance polifônico) também se

mostraram de relevante importância para a reflexão das múltiplas vozes presentes no romance e como as mesmas se encontram e se constroem.

De acordo com Bakhtin (1981), a necessidade de nos comunicarmos em diversas situações distintas em nosso cotidiano faz com que destinemos o uso da língua de acordo com nossas necessidades sociais, sendo assim, criamos mecanismos e padrões para cada situação discursiva:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1981, p. 290).

Iniciando a discussão de gênero em Bakhtin, observa-se que, para o autor, cada gênero é apropriado à necessidade do contexto ao qual se insere, sendo assim, ele faz a divisão geral dos gêneros discursivos em dois grandes grupos: gêneros primários e secundários. Os primários encontram-se nas situações comunicativas cotidianas informais (bilhetes, cartas, diálogos cotidianos, etc) enquanto os secundários situam-se em situações mais complexas (enunciados técnicos, romance, o teatro, etc).

No caso do trabalho em questão os estudos serão principalmente concentrados no que diz respeito ao segundo grupo elencado pelo autor, o dos gêneros secundários, considerando que o objeto em análise é um romance. De acordo com o autor, o gênero romanesco é multifacetado e dotado de facilidade em se conectar e dialogar com outros gêneros textuais e artísticos, com outras épocas e espaços, etc, conforme é possível observar na própria construção da obra analisada, ordenada a partir do encontro do romance com outros gêneros.

Em *Os Memoráveis* (2014), observa-se o diálogo direto que a obra estabelece com o gênero entrevista, que passa a ser o gênero norteador da narrativa, pois é através da elaboração e da recolha dos depoimentos que o relato vai ganhando corpo e trazendo para o presente as memórias da Revolução e de seus envolvidos. O livro apresenta-se, em grande parte, desenvolvido a partir das questões dirigidas aos entrevistados:

O questionário formal encontrava-se sobre os joelhos de Margarida Lota, ainda intocado. A anêmona formulou a primeira pergunta. “Falemos então, senhor coronel, daquele dia, o primeiro da liberdade. Mesmo tendo estado ausente do teatro das operações, e mesmo tendo decorrido este tempo todo, em seu entender, como classifica o senhor o que se passou naquele dia?” (JORGE, 2014, 95-96).

A maneira pela qual a obra é disposta também revela sua conexão e diálogo com a linguagem cinematográfica, uma vez que dentro do romance está sendo construído um documentário. Desde a elaboração das entrevistas, a decisão da sequência da aparição dos depoimentos até a fase da edição das falas e a própria gravação, observa-se uma espécie de *making of* do documentário que está sendo tecido juntamente com o romance:

Tínhamo-nos encontrado com uma hora de avanço na expectativa da sessão que iria dar início à nossa viagem pelos fotografados do Memories, e tudo se encontrava em conformidade. Sob o braço eu transportava a fotografia, levada pela certeza de que era o nosso documento-guia. Miguel Ângelo caminhava a grandes passadas pela rua acima, carregando os instrumentos de gravação, toda uma panóplia de aparelhos, como se fosse filmar a coroação de um rei. Mas a verdadeira solenidade, essa, avançava ao ritmo dos passos de Margarida Lota, e a minha admiração estava com ela (JORGE, 2014, 87).

Há ainda o diálogo com outra linguagem artística, a fotografia. Esse é o ponto de partida da trama. Toda a história narrada parte de uma fotografia para então serem percorridas as histórias individuais dos que nela estão retratados e a partir do universo individual construir-se a memória coletiva da Revolução, como é possível observar a partir de um trecho do primeiro capítulo, no qual a narradora Ana demonstra a importância da fotografia para iniciar o trabalho de entrevista para o documentário:

Não havia dúvida, eu iria servir-me da fotografia do Memories, estava segura de eu tinha feito o meu achado. Não só a fotografia em si era de boa qualidade, como o desenho das figuras e a legenda inscrita por Rosie Honoré confirmavam a virtualidade plástica daquele momento, de várias formas, raro. Segundo António Machado, nunca havia sido reproduzida. E conhecia algum das circunstâncias em que fora oferecida ao meu pai para que a guardasse como lembrança de uma noite memorável, segundo ouvira contar, em criança. Por vezes, o pai mostrava a fotografia aos amigos, e ficavam durante algum tempo a invocar os momentos que tinham passado em conjunto (JORGE, 2014, 55-56).



Considerando a pluralidade de gêneros presentes na elaboração do romance escolhido e percebendo a importância de cada um deles para cumprir o objetivo de reconstituir a história que a obra apresenta, torna-se imprescindível a discussão a respeito de gêneros discursivos, buscando dessa maneira propor uma análise do romance e seu caráter flexível:

Aponto três dessas particularidades fundamentais que distinguem o romance de todos os gêneros restantes: 1. A tridimensão estilística do romance ligada à consciência plurilíngüe que se realiza nele; 2. A transformação radical das coordenadas temporais da representação literária no romance; 3. Uma nova área de estruturação da imagem literária no romance, justamente a área de contato máximo com o presente (contemporaneidade) no seu aspecto inacabado. Todos estes três tipos de particularidade do romance estão ligados organicamente entre si, e todos eles estão condicionados por uma determinada crise na história da sociedade europeia: sua saída das condições de um estado socialmente fechado, surdo e semipatriarcal, em direção às novas condições de relações internacionais e de ligações interlingüísticas. A pluriformidade das línguas, das culturas e das épocas, revelou-se à sociedade europeia e se tornou um fator determinante de sua vida e de seu pensamento (BAKHTIN, 1981, p.404).

Os conceitos de dialogismo e polifonia também se mostram indispensáveis já que estão diretamente ligados ao gênero romanesco, ou seja, no romance que se constroem essas relações levantadas por Bakhtin. Na obra em questão os arranjos dialógicos entre as vozes de várias personagens são a tal ponto aprofundados e retomados que se torna facilmente observável o conceito de polifonia.

O dialogismo, de acordo com Bakhtin (1981), pode ser considerado como a interação entre quaisquer vozes, desde que haja um locutor e um ouvinte, considerando a duplicidade de faces que envolvem a palavra, pois é produzida por um indivíduo e destina-se a outro:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1981, p. 113).



Já a polifonia depende da amplitude das ideias que se discute e da interação entre os diálogos interiores e exteriores das personagens. Considerando que no romance em questão o discurso interior dos personagens pode ser acessado pelas entrevistas e assim se cruzarem com os diálogos exteriores, fazendo com que as múltiplas vozes se encontrem, observa-se o conceito de romance polifônico de Bakhtin:

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente (2008, p. 308).

Defende-se que no romance em evidência os dois conceitos podem ser trabalhados considerando que a série de entrevistas ao longo da obra permite com que as vozes dos personagens sejam vistas, ouvidas e reinterpretadas várias vezes. Há, como em outros romances polifônicos, uma intrincada relação entre diálogos interiores e exteriores.

A entrevista como gênero discursivo construtor da crítica ao salazarismo em Os Memoráveis

O gênero entrevista passa a ser peça chave para nortear o projeto em questão, buscando teóricos que dissertem sobre esse gênero e seus objetivos de maneira a poder trabalhar esses conceitos diretamente no romance. A entrevista possui muitas faces, considerando a multiplicidade de áreas do conhecimento em que esse método pode ser utilizado. Como no romance as questões são elaboradas de maneira a criar um documentário, a proposta é analisar esse gênero a partir de seu caráter jornalístico.

Mesmo reconhecendo a multiplicidade de funções e canais de aplicação do gênero em questão entende-se que é um conceito que também carrega uma significação comum em qualquer área de atuação, provando seu caráter de recolha de informações:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (MEDINA, 1990, p. 8)

Considerando o período da ditadura Salazarista, o extremo controle sob a população e o totalitarismo exacerbado observados em teóricos que dissertam sobre o período, como é o caso de Fernando Rosas (2001), nota-se a importância da noite retomada no romance, simbolizada como o início de uma era de liberdade em Portugal.

Levando em consideração a importância da Revolução dos Cravos e o fim da ditadura observa-se o quanto os testemunhos dos protagonistas da Revolução no romance de Lídia Jorge emitem informações semelhantes entre si a respeito daquela madrugada de 25 de abril de 1974.

Observa-se que ao serem instigados pelas questões elaboradas pelo grupo de jornalistas, os entrevistados passam a formular respostas que vão reconstruindo a memória daquela noite tão importante. Através das falas há o acesso aos fatos ocorridos e aos sentimentos desses envolvidos em tal acontecimento. As respostas, as informações colhidas e até mesmo as omissões dos entrevistados são fundamentais para construir a crítica ao salazarismo no romance, demonstrando o quanto aquele episódio foi indispensável para a libertação do povo português.

De forma bem geral é possível notar que na fala de todos os entrevistados há um tom de alívio ao retratar a noite do 25 de abril e suas consequências positivas para o fim do período ditatorial salazarista. Cada personagem a seu modo vai construindo sua fala de maneira a demonstrar a importância desse evento para o país, mas no fim o que se nota é que todos manifestam a felicidade frente a novos rumos para aquela sociedade.

O primeiro entrevistado é o chefe Nunes, um dos protagonistas da Revolução no romance e um dos que aparece na fotografia do Memories. Sua fala, a primeira recolhida na forma de depoimento, já anuncia o tom geral dos testemunhos que se seguirão, sendo capaz de exemplificar como os participantes daquele episódio encararam aquela madrugada decisiva para os rumos portugueses:

Pois bem, já agora vou contar. O chefe Nunes esfregou as mãos. Posso dizer-lhe que nesse dia eu quase tinha ido amanhecer na Baixa, à procura de umas roupas para o serviço de que estava faltado. Entrava e saía das lojas, ali na rua Augusta, quando a coluna militar, vinda de baixo, estava a subir na direção do Rossio. Foi um momento sem par. Quando vi a tropa a avançar entre lojas, soube o que se passava, esqueci-me de tudo, e gritei – Levem-me a mim, pessoal, arranquem-me a cabeça do corpo façam dela uma bala... Eu estava eufórico, olhei para o arco da Rua Augusta e achei que aquela

coluna militar saía diretamente das horas do relógio. A hora deles era a minha hora, como escreveu no dia seguinte o poeta Pontais. Depois andei atrás deles o resto da manhã e toda à tarde até à noite, assisti à descarga sobre a frontaria do Quartel do Carmo, vi a chaimite Bula levá-los, e ainda corri atrás. Como os outros, eu gritava de alegria. Lisboa era uma festa pegada, dei por mim em vários locais da cidade ao mesmo tempo, e não dava por ter andado, como disse o poeta. À distância, agora, acho que o meu corpo se multiplicava, ou então era ilusão dos meus sentidos. Assim, aquele foi o dia mais feliz da minha vida, juro, nem quando nasceu o meu filho. (JORGE, 2014, pp. 74-74)

Os demais entrevistados que se seguem, cada um a seu modo, vai recriando aquele momento crucial da Revolução, oferecendo ao leitor novas percepções sobre aquele momento ímpar, deixando transparecer emoções individuais que permitem um olhar sobre o imaginário coletivo dos portugueses que viveram e participaram daquele evento.

Sendo assim, através de omissões, de falas com lacunas e até mesmo de grandes depoimentos, os entrevistados recriam a memória coletiva daquele passado, permitindo que o tempo presente tenha acesso aos fatos daquela madrugada e entenda o quanto a resistência aquele regime foi determinante para o futuro português.

Considerações finais

As questões que até aqui foram expostas demonstram o início das tarefas de estudo do projeto de Mestrado que se encontra em desenvolvimento no momento. O que se pretendeu levantar brevemente foram os rumos que pretendem ser tomados para o desenvolvimento de tal pesquisa, indicando os caminhos que se buscará seguir a partir desse ponto inicial de maneira a aprofundá-los.

O romance de Lídia Jorge em análise mostrou-se adequado ao estudo do mesmo com outros gêneros discursivos, uma vez que estabelece interação direta com outras linguagens para ser criado. Dessa maneira, a teoria de Bakhtin a respeito dos gêneros mostra-se válida para pensar nesse caráter multifacetado do romance em questão.

As entrevistas e a forma como elas são determinantes para a construção do romance permitiu ainda pensar em outros conceitos bakhtinianos, como a polifonia e o dialogismo, de maneira a trabalhar essa explosão de vozes que se cruzam para recontar um mesmo episódio da história portuguesa.



A análise minuciosa do conteúdo das entrevistas é uma etapa que está sendo desenvolvida no momento, propondo-se indicar em outro momento, de maneira mais detalhada, elementos da caracterização dos personagens e de suas falas que possam exemplificar essa resistência ao regime salazarista e demonstrar como o gênero entrevista foi chave para recriar os fatos ocorridos na Revolução de maneira a princípio muito individual, através da fala de cada entrevistado, e em um segundo momento, estabelecer um panorama coletivo sobre o evento em questão, fazendo com que a multiplicidade de vozes que se cruza reconstitua o imaginário da coletividade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1981.

_____. [1952-1953]. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JORGE, Lídia. *Os Memoráveis*. 4ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

PITA, António P. 2011. *As vias da arte – A via curta e a via longa*. In: *Literatura e Revolução*, ed. Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes (Org.), 11 - 28. . Belo Horizonte: UFMG.

ROSAS, Fernando. *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. *Análise Social*, Lisboa, n.º 157, 2001, p. 1031-1054.